

Arquitetura e arte visual a partir de intervenções em ambientes privados: microvinganças e microssacrifícios espaciais

Miguel Gally (UnB)

O tema da nossa apresentação gira em torno daquilo que entendo como intervenções em espaços privados em franca aproximação às intervenções artísticas em espaços públicos. Trata-se de ampliar o quadro teórico do Ambiente das Artes Visuais desenvolvido por nós em outros estudos (Gally 2010; 2015) testando em que medida arte visual e arquitetura coincidem quando pensadas espacialmente. Partiremos de intervenções arquitetônicas que aparecem nos filmes *Medianeras* (2011) de Gustavo Taretto e em *O homem ao lado* (2011) de Mariano Cohn & Gastón Duprate; e dos projetos de intervenção artística em ambientes privados *Bemstarp* (2013-) e *El Treco Lux* (2012-) do coletivo M&M. Dentre outras questões propomos explorar: a tensão entre as compreensões de arte pública, arte em espaço público e arte em espaço privado/doméstico como a intersessão mais intensa entre arte visual e arquitetura na atualidade; se é possível falar de uma boa/justa vingança espacial; os sentidos e limites de uma vingança contra/sacrifício de objetos e não de/contra pessoas, deuses ou animais.

1.

Se há alguma coisa que pode resumir uma definição de vingança, talvez seja a violência. Porque a vingança é um tipo direcionado de violência, com uma intenção precisa; mas aberta, por sua vez, a uma reação do tipo “contra-vingança”. Ou seja, quando há vingança não há sacrifício, entendendo o sacrifício justamente como uma violência contra alguém ou algo que não pode se vingar ou ser vingado por outro (GIRARD, 1972¹). Nem há, por exemplo, uma vingança por acaso, ou uma vingança sem querer. Os motivos variam à exaustão, mas há também, além da origem da vingança, o destino dessa ação, seu ponto final ou de chegada. Pode ser uma vingança de homens contra homens, penso no cangaço, onde o ciclo de ação e reação violentas

¹ Para ele (GIRARD, 1972), o sacrifício envolve uma vítima que não pode se vingar ou ser vingada. Nesse sentido o sacrifício está vinculado a uma violência primordial (fundadora da cultura ou conciliadora para uma coletividade), de todos contra um, e da eleição de um bode expiatório; nesse sacrifício se projetam as violências anteriores (indiscriminadas), suprimindo-as e reunindo os demais.

podem envolver gerações. Há a violência de deuses contra homens, penso no “couro” do candomblé ou umbanda, uma espécie de vingança moderada, sendo talvez mais um alerta vingativo. Lembro-me também da violência dos homens contra deuses, da imagem esculpida do Santo Antônio de cabeça para baixo e mesmo, se isso não for suficiente, mergulhado num copo de água, para o santo atender ao pedido de um bom casamento. A violência envolvendo vingança entre homens e animais, pensada como um contra-ataque (e aqui até mesmo uma vingança entre animais poderia ser incluída). Outro tipo bastante complexo de vingança é a da natureza contra homens, quando falamos de um castigo dos céus ou da morte e não pensamos em deuses propriamente; há mesmo, mais raro, o inverso, a vingança de homens contra a natureza: a história de um homem que atirou com espingarda na chuva correu na primeira metade do século passado por uma cidadezinha do interior de Pernambuco: um senhor que depois disso ficou mal visto pelo resto da sociedade. A vingança do homem contra a morte e sua finitude me parece uma constante em sua história, mas tenho dúvidas se se trata de uma vingança propriamente... não sei. Minha pretensão aqui não é, entretanto, nenhuma taxonomia das vinganças nem contribuir para a construção de uma filosofia da vingança. Nesse contexto amplo e apenas superficialmente tocado, gostaria de refletir sobre a possibilidade de existir a vingança de homens contra objetos na medida em que eles são ou geram espaços ou ambientes privados. Ou seja, estamos especulando sobre *novos espaços privados* ou *espaços criados através de uma vingança contra objetos*. Separei algumas situações onde percebo essa criação espacial.

Abrindo o filme *a marretadas*, vê-se um buraco sendo aberto numa parede ou muro, não se sabe ao certo ainda. Isso já na cena inaugural: do lado interno, mais escuro, para o lado externo, vai se arrombando aquela barreira e na medida em que o primeiro foco de luz entra no cômodo interno e escuro se sabe que se trata de uma parede, e que depois descobriremos que se trata também de um muro, que separa duas casas. Estou descrevendo *O homem ao lado* (2011) dirigido por Mariano Cohn & Gastón Duprate, um filme sobre patrimônio moderno, sobre a relação entre espaço público e espaço privado, sobre vizinhança... tudo isso a partir de personagens pitorescos e diálogos simples, mas de longo alcance, quando pensamos, por exemplo, numa ética da arquitetura.



O cenário é a Casa Curutchet, Boulevard 53, Nº 320, entre 1 y 2, Buenos Aires, Projeto Le Corbusier (1948), listada desde 1987 como Patrimônio Histórico Nacional da Argentina² e uma suposta casa vizinha. De costas, Leonardo pedindo para que Vicente interrompa a abertura da janela. Para cenas escolhidas do filme completo, acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=GJi3At95e8k> (0min40s – 1min40s; 8min 36s – 9min37s).

Outro filme não menos interessante que traz também a criação desses *novos espaços privados* é *Medianeras* (2011) de Gustavo Taretto. Aqui o enfoque é mais na cidade como um todo, nas irregularidades estéticas e éticas da cidade como reflexo daquilo que é mais humano, e na responsabilização da arquitetura e dos empresários da construção civil como fonte certa de todos os males modernos, desde fobias e neuroses, passando pelo sedentarismo, pela depressão e pela obesidade até as contraturas musculares e a incomunicabilidade entre as pessoas. É um filme sobre a vida urbana e sua poesia, marcada por encontros fortuitos e muitos desencontros, pela busca de um amor e de uma companhia agradável para a vida, mas também pela decisão que mudará a vida dos dois principais personagens: abrir janelas não planejadas e não autorizadas onde a linha reta e lisa das empenas gigantes predomina:

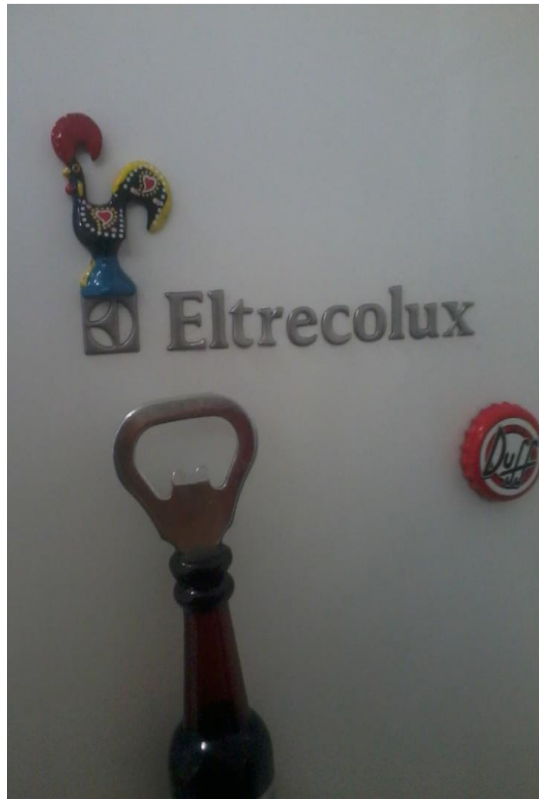
² Para mais detalhes, ver: planta virtual Casa Curutchet, Boulevard 53 Nº 320, entre 1 y 2, Projeto Le Corbusier (1948), execução Amancio Williams, cliente Pedro Domingo Curutchet, <https://www.youtube.com/watch?v=IK-ImEIhhvs>. Desde 1987 na lista de Patrimônio Histórico Nacional da Argentina, desde 2010 declarada expropriável e patrimônio cultural. Desde 1988 funciona como Colegio de Arquitectos de la Plata. Aguarda desde 2011 resposta para figurar na lista de patrimônio cultural da Unesco. (Fonte: https://es.wikipedia.org/wiki/Casa_Curutchet e fotos do site http://pt.wikiarquitectura.com/index.php/Casa_Curutchet).



Cenas escolhidas do filme completo, acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=8ja-vEbiY1c>Medianeras, trechos 2min47s – 4min26s; 1h06m49s – 1h09m25s).

Um último exemplo, agora fazendo um recorte mais intimista, retornando à escala da arquitetura em direção ao design e aos objetos, gostaria de citar duas obras do coletivo M&M: *Bemstarp* (2013-) e *El Treco Lux* (2012-):







Coletivo M&M. Fotografias: Miguel Gally

São intervenções em objetos privados, mais precisamente geladeiras, sem conhecimento dos seus proprietários, no sentido de alterar a ordem da grafia das suas marcas, utilizando tão somente suas próprias letras autoadesivas e sugerindo sentidos mais amplos para esses mesmos objetos. Uma provocação estética, que passa muitas vezes despercebida, como a própria geladeira no contexto da cozinha, sem a qual, hoje em dia, nem imaginamos lidar com os alimentos e a comida pronta.

2.

Em todas essas situações estou situando *vingança espacial* num âmbito meramente privado, mas veremos que essa criação guarda traços que são próprios das intervenções em espaços públicos ou pensada enquanto arte pública. Arte pública tem sido tematizada mais intensamente nos últimos 20 anos. Dentre as definições de alcance mais amplo como entender a arte como necessariamente política, não no sentido

agonístico, mas enquanto promovendo ou resistindo a essa ou aquela organização sócio-cultural (MOUFFE, Ch. 2005; 2013); ou enquanto um tipo de violência social preocupada em igualdade social (MITCHELL, W. 1990, p. 47), gostaria de destacar aquela proposta por Hilde Heyn (1996), uma das primeiras a atualizar a discussão sobre o sentido de público ou publicizável nas artes. Para ela, o domínio privado da arte não é apenas o espaço do museu/galeria (mesmo que aberto a uma visita pública), mas, sobretudo, a relação privada baseada na introspecção que a arte pode provocar; e que orientou algumas definições de arte, como o fizeram por tantas vezes as Estéticas baseadas no gosto, na contemplação ou no êxtase místico.

O tema do nosso artigo gira em torno daquilo que passo a chamar de intervenções em espaços privados em oposição às intervenções próprias das artes públicas. Segundo Hein (1996), um dos principais propósitos da arte pública é a instauração de um debate, de um diálogo aberto, cujo desfecho pode ser um consenso, mas não necessariamente. Nesse caso, a arte experimentada de uma perspectiva privada, mesmo podendo ter um alcance universal, mas como contemplação, por exemplo, não geraria nem seria gerado por debates ou diálogos. Hein fala de arte privada pensando em uma experiência pessoal e intransferível. Publicizável talvez como experiência da própria liberdade do pensamento, mas ela não investiga esse caminho. O que trago para discussão é, portanto: como intervenções em espaços privados, como nos filmes *Medianeras* (2011) de Gustavo Taretto ou em *O homem ao lado* (2009) de Mariano Cohn, são igualmente provocadoras enquanto instauradoras de diálogo e debates, embora realizem pela ação uma construção espacial peculiar. Ou seja, proponho uma análise não do filme propriamente, mas de algumas situações em que *vinganças espaciais* são realizadas. Seriam elas públicas mesmo acontecendo em espaços privados, como em quartos de dormir, salas de estar e cozinhas tal como surgem, ainda, no Coletivo M&M: mais precisamente nas intervenções *Bemstarp* (2013) e *El Treco Lux* (2012)? Pode se tratar de uma mera negação daquilo que se tem assumido como arte pública, sem recair numa arte introspectiva (e privada), ou seja, sem retomar a afirmativa inicial, embora preocupada com um impacto privado e positivo?

Nossa questão central, então, é: que espaços são criados nesses casos de clara reação violenta em e contra ambientes privados? Ou seja, voltamos nossa atenção não tanto para as repercussões morais e políticas de uma arte reativa ao Império e suas formas ou entendida como forma de sociabilidade/interstício social (enfim, da arte como resistência, Cf. A. BADIOU, 1998, 2008; N. BOURRIAUD, 2001), ambas simbolizadas

em ações particulares, dando margens certamente para se entrar em questões coletivas não introspectivas. Por exemplo, ao vingar a insensibilidade de paredes que teriam oprimido a sua vizinhança, se estaria também vingando o tombamento público feito por autoridades argentinas da Casa Curutchet projetada por Le Corbusier em Buenos Aires. A vingança contra as gigantescas empenas cegas e mudas que ganham olhos e ouvidos com as janelas improvisadas criticam, de uma perspectiva simbólica, uma política de habitação que massacra seus moradores. A vingança, ainda, contra as cozinhas “objetos” é também uma vingança contra os excessos próprios das sedutoras cozinhas vitrines fazendo lembrar que geladeiras são, de fato, a grande luz e luxo (el treco lux/eletrolux) e geradora de grande bem estar na vida doméstica (bemstarp/brastemp). Prestaremos atenção, entretanto, ao espaço privado, individual e necessário criado a partir de tais intervenções espaciais. O alcance do diálogo provocado (da universalização das repercussões) é importante e aproximam tais eventos artístico-arquitetônicos de origem primariamente privada a um debate público e mais amplo. No entanto, esses espaços criados não são apenas uma representação da evidência da importância do conforto para a vida ou uma mera crítica simbólica. São também lugares criados à força contra objetos (depois contra imagens) dando origem a espaços artísticos situados entre arquitetura (design) e arte visual.

3.

A noção que gostaria de propor como referência para entender a existência dessas hipotéticas *microvinganças espaciais* é a de “descontar”. “Descontar”, aqui, seria uma maneira não planejada e improvisada de se vingar contra objetos. Enquanto opção dramática de compreensão pode ser comparada livremente àquela dos embates dos repentistas e emboladores, quando se desconta não em objetos, mas em pessoas e em sua personalidade, com impropérios, piadas, insultos e embaraços forjados. Para a tradição dos estudos clássicos, essa origem dramática da poesia viva *do repente* pode ser, eu especulo aqui livremente, comparada àquela tradição perdida que supostamente deu origem ao teatro antigo e que ficou conhecida como sendo o *canto amebeu* dos pastores nômades da Grécia Arcaica. O improviso alternado, que no Repente e na Embolada assumem traços violentos na fala, coincide com a ação improvisada e violenta dessas intervenções espaciais. Quando se desconta, se retira algo (negativo) para se abrir (positivo)! Essa dimensão positiva e prospectiva é, me parece, algo importante para se entender essas intervenções espaciais. Mas seriam elas propriamente

microvinganças ou microssacrifícios espaciais? Essa questão me parece decisiva como pano de fundo, porque enquanto crítica simbólica podemos falar de vingança, afinal o ciclo ação-reação está assegurado. No filme *O homem ao lado*, o buraco na empena é aberto a contragosto de Leonardo, depois fechado a contragosto de Vicente, e o ciclo só é interrompido quando um deles morre. Em *Medianeras*, parece mais um sacrifício, porque o objeto não reage, apenas parece aceitar seu novo destino.

Essa tarefa de descontar em objetos que são paredes/muros ou geladeiras dão muito a pensar, e podem provocar um diálogo amplo e público, assumindo posturas políticas claras, e certamente o fazem porque tais paredes e geladeiras podem sempre ser encaradas simbolicamente. E aí tais intervenções privadas ganham traços de arte pública, se quiséssemos seguir a posição de H. Hein. Mas tais intervenções são também microcriações espaciais que tornam a vida dessas pessoas mais feliz, confortável e aliviada. Seja como ações jocosas e desconcertantes. Seja, no caso das janelas improvisadas, permitindo a entrada de mais luz e ventilação. Criam-se, assim, outros ambientes privados enfim moráveis, ou habitáveis.

O arquiteto e artista austríaco Friedensreich Hundertwasser incentivou fortemente que as janelas das casas e prédios não fossem padronizadas, que tal padronização gerava reações negativas, passivas e ativas, na população, desde o alcoolismo ao vandalismo. Hundertwasser provocou todos a pintar por si o lado externo das janelas nas fachadas através de suas janelas até onde o braço de cada um alcançava para que cada um tivesse *sua fachada diferente* (1990). Trata-se, evidentemente, de uma crítica conhecida à arquitetura modernista e sua herança (ou ressaca), contra o homem médio e o espaço mínimo que nivelou todos para que se democratizasse o acesso a moradias supostamente dignas, pensando na necessidade de todos em ter um abrigo, sem ficar ao relento ou dividir o mesmo espaço com muitas pessoas. Para isso de padronizou quase tudo, até as janelas, para ele um elemento arquitetônico que poderia e deveria ser preservado em sua individualidade. Ao se enfatizar essa crítica ou essa contraposição, ou seja, a negatividade dessas intervenções privadas propostas por Hundertwasser, perde-se o ponto mais importante da sua proposta: permitir e provocar que as pessoas assumam suas janelas como suas, diferentes daquela do vizinho ou da rua.

As intervenções espaciais são reações críticas (negatividades que envolvem coletividades) e assim seriam microvinganças espaciais, mas são também criações cirúrgicas (positividades domésticas) e assim seriam microssacrifícios espaciais. Elas

surgem sempre quando se desconta em objetos particulares ao mesmo tempo em que cria ambientes privados mais alegres e livres. São espaços improvisados entre arte visual e arquitetura que tornam mais habitáveis e moralmente aceitáveis nossos espaços domésticos. Pensar essas *microespacialidades* criadas com esses objetos do modo como conduzi é recorrer a ferramentas teóricas modernas, porque é ainda na relação com homens que sugeri a presente leitura. Outra possível seria pensar tais vinganças espaciais como objetos que possuem uma vida independente, autônoma, a partir da relação ou conexão que eles poderiam criar entre eles, o que permaneceria, pelo menos indiretamente, na fronteira de outra espécie de vingança cada vez menos distante da ficção: a dos objetos contra homens. Haveria ainda a vingança de objetos contra objetos, pensados desde os pressupostos da arte generativa, de dispositivos inteligentes, sensores, transmissão sem fio, etc., lembrando que as conexões entre as coisas em breve vão superar em muito a quantidade de pessoas e equipamentos, construindo uma grande rede de objetos interligados e capazes de reagir uns aos outros independentemente das intenções humanas (Cf. Floridi, L. 2013) talvez tornando o modo vingança de reagir um padrão. Ainda não sabemos, vale a especulação, mas isso eu deixo para outro FIFI...

Referências bibliográficas

- BADIOU, Alain. «Thèses sur l'art contemporain». In *Inaesthetik: Theses on Contemporary Art*. Nr.0, Jun/2008.
- _____. *Pequeno Manual de Inestética* (1998). Trad. M. Appenzeller. S. Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- BOURRIAUD, N. (2001) *Esthétique relationnelle*. Paris: Les Presses du Réel.
- FLORIDI, Luciano (2013). *Philos. Technol.* 26: 349-352. Doi: 10.1007/s13347-013-0139-2.
- GALLY, Miguel. (2010) “O sensível contemporâneo e a questão do espaço: Reflexões a partir do *ambiente das artes visuais*” In SOULAGES, François [et al], *O sensível contemporâneo*. Salvador: Editora UFBA, 2010. Disponível on-line: https://www.academia.edu/11782184/O_sens%C3%ADvel_contempor%C3%A2neo_e_a_quest%C3%A3o_do_esp%C3%A7o_no_Ambiente_das_Artes_Visuais.
- GALLY, Miguel. (2015) “A (des)importância do espaço para pensar as artes visuais: entre Heidegger e o Ambiente da Arte”. *Revista Ideação* (UEFS), nº 31 (jan-jun).
- GIRARD, Rene. *La violence et le sacre*. Paris: Grasset, 1972.
- HEIN, Hilde. (1996) “What is Public Art? Time, Place, and Meaning”. *Journal of Aesthetics and Art Criticism*, Vol. 54. No.1 (Winter, 1996), pp. 1-7.
- HUNDERTWASSER, F. (1990). Die Fensterdiktatur und das Fensterrecht [A ditadura das janelas e o direito da janela], acessado em 19.01.2016: http://www.hundertwasser.at/deutsch/texte/philos_fensterdiktatur.php.
- MITCHELL, W.J.T. (Org.) 1990. “The Violence of the Public Art” In *Art and the Public Sphere*. Chicago: Chicago University Press.

MOUFFE, Chantal (2013) *Agonistics: Thinking the World Politically*. N.York: Verso.
MOUFFE, Chantal (2005). "Which Public Space for Critical Artistic Practices?"
Institute of Choreography and Dance (Firkin Crane). Cork Caucus 2005. On line:
https://readingpublicimage.files.wordpress.com/2012/04/chantal_mouffe_cork_caucus.pdf,
consultado em 13.03.2015.